

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

**Mesa redonda
Massacre de Manguinhos**

Ficha técnica

Código BR RJ COC 05-01-03-02-04

Fundo COC

Seção 01 - Direção

Série 03 – Eventos organizados pela COC

Subsérie 02 – Congressos, encontros, seminários

Dossiê 04 – Mesa redonda Massacre de Manguinhos

Data: 02/09/1986

Local: Fiocruz

Entrevistados: Tito Arcoverde Cavalcante de Albuquerque, Sebastião José de Oliveira, Augusto Cid de Mello Perissé, Haity Moussatché, Domingos de Oliveira, Herman Lent, Moacyr Vaz de Andrade, Fernando Braga Ubatuba e Hugo Souza Lopes.

Entrevistadores: não identificados

Quantidade: 4 fitas

Duração: 2h30min

Áudio digitalizado

Obs.: a qualidade da gravação compromete o entendimento de várias partes que não puderam ser corretamente transcritas.

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

MESA REDONDA – MASSACRE DE MANGUINHOS. Evento realizado na Fundação Oswaldo Cruz/Fiocruz, 1986. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2024. 32p.

Fita 1 - Lado A (Duração 16 minutos)

(Entr. 1) Dr. Herman, em que consistiu o episódio que o senhor denominou “O Massacre de Manguinhos” no seu livro?

R - Bom, isso foi um episódio muito triste na realidade... porque afetou uma instituição que era uma instituição nobre, uma instituição de grande valor, uma das instituições mais importantes da América do Sul, que era o Instituto Oswaldo Cruz. Eu me refiro ao Instituto Oswaldo Cruz porque na época não existia a Fiocruz, não existia o conjunto de instituições que hoje existe com a denominação de Fiocruz - que inclui também o próprio Instituto Oswaldo Cruz. Esse “Massacre de Manguinhos”, chamado assim, foi o título de um pequeno livro que eu publiquei em 1978, ainda antes da declaração de anistia, e que representava, e que queria exprimir mais uma ofensa, mais à instituição - que era Manguinhos - que a cada um de nós, vulneráveis pela linha, pela paranoia, ou seja lá o que for, de um diretor medíocre, homem sem cultura, sem base nenhuma, que se chamou e que se chama Francisco de Paula Rocha Lagoa.

P - De que maneira a mudança política que aconteceu no Brasil em 64, se refletiu na política científica e consequentemente no Instituto Oswaldo Cruz?

R - Bom, o Instituto já vinha, não há nada de... não foi a partir de 1964 que o Instituto estava caindo em sua produção, já era antes; porque se convencionou dar uma ênfase muito grande na produção de vacinas - chamavam até Manguinhos de “loja de vacina” ou “fábrica de vacinas”, quando o Instituto merecia, precisava e era para isso ser uma instituição de pesquisa científica, não aplicável e sim mais fundamental, básica. Naturalmente da pesquisa básica é que nasce a pesquisa aplicada, e essa se fazia também, mas sem uma não se consegue a outra; de maneira que a luta, a vida era justamente para que se prestigiasse mais do que se vinha fazendo, a pesquisa básica. Então, o recurso foi nos acusar de subversivos, de comunistas, justamente para poder quebrar, que a época permitia isso. A partir de 1964, nos cunhar a imagem de comunistas e subversivos justamente para poder vencer a resistência que nós fazíamos a essa ideia de fabricar Manguinhos, de usar Manguinhos, uma instituição tão importante e nobre, como uma fábrica de vacinas e soro somente. Não é que eu não considere que não seja necessário fazer vacinas e soros. É necessário, mas necessário a uma instituição para este fim, uma instituição como agora, ultimamente se fez na Fiocruz e incluído dentro do contexto geral do grupo, um Instituto somente para este fim, somente para esta finalidade.

P - Muita gente diz que este episódio foi cercado de desavenças pessoais, que a perseguição que o Dr. [Francisco de Paula da] Rocha Lagoa moveu contra o grupo de cientistas que estava sendo cassado, era apenas briga pessoal. O que o senhor acha disso?

R - Não, eu acho que, posteriormente, depois de iniciada a agressão que ele fez, passou a ser uma birra pessoal, uma birra pessoal contra todos nós, porque não havia motivo real, não havia motivo real que obrigasse a esse fim. Tinha havido o golpe de 64, os inquéritos, os IPMs foram realizados. Nenhum IPM trouxe nada contra nenhum do grupo cassado;

então por que essa birra, por que essa agressão que ele nos fazia? Simplesmente, a meu ver, por um sentido conceitual. Ele achava que a pesquisa básica, pesquisa fundamental, não devia ter o valor, o acréscimo, a capacidade que vinha tendo o Instituto até então.

P - O senhor vendo, assim depois de tantos anos, quais foram as consequências para o Instituto Oswaldo Cruz das cassações realizadas? Qual foi o preço que a ciência no Brasil vai pagar por causa disso?

R - Bom, o preço foi um preço muito grande, que só agora está sendo resgatado com a atual direção, a direção do [Sérgio] Arouca, porque se está colocando todos os pontos nos “is”, nós estamos fazendo agora o que devia ter sido feito quando o Instituto estava isolado, dando o valor devido a cada coisa no seu lugar, a cada perspectiva na sua posição exata. Porque antigamente nós não tínhamos possibilidade de obter o material que hoje pode ser obtido, à custa da estrutura que se criou, recentemente, para a Fiocruz.

P - Eu não sei se posso fazer essa pergunta, mas que lições podem ficar para a comunidade científica, do episódio de Manguinhos?

R - As lições, eu acho que são as seguintes: a comunidade foi completamente destruída porque não éramos só os dez, cada um de nós tinha outros tantos alunos, trabalhando comigo em seu laboratório. Tudo isso foi desbaratado, tudo isso foi destruído e não se inova, não se consegue um pesquisador do dia para a noite, é uma coisa que toma tempo e se só nós destruirmos um trabalho que já vinha sendo feito durante muito tempo, nós teremos necessidade de um período muito maior de tempo para reaver todo esse material perdido; só o Walter Oswaldo Cruz tinha 58 pessoas trabalhando com ele, era um laboratório útil, laboratório produtivo, laboratório importante. Pois, tudo isso foi destruído, destruído antes ainda da cassação, porque ele morreu antes, ele teria sido cassado, a meu ver, ele teria sido cassado se não tivesse morrido antes, mas morreu antes, agredido por todas essas circunstâncias. [...] mesmo, quando acontece uma situação como essa, as Instituições Internacionais que auxiliam a pesquisa, como por exemplo, a Fundação Ford, que no momento estava ajudando a pesquisa em Manguinhos, interrompem a sua ajuda, veem que não é produtivo e interrompem a ajuda.

P - E como é que o sr. se sentiu, naquele dia, se não me engano, 15 de agosto, ao ser reintegrado naquela cerimônia? Qual foi o seu sentimento?

R - Olha, eu não posso definir o sentimento que eu tive, tal foi a alegria que me proporcionou esse... a alegria pela justiça do fato em si e... E a coisa é curiosa, parece contraproducente porque eu não voltei para o Instituto, no Instituto fui somente membro do Conselho Técnico Científico; eu não voltei ao Instituto porque achei que os meus compromissos com a Fundação, com a Universidade Santa Úrsula, em tempo integral, me obrigaram a permanecer aqui porque foi a Universidade que me deu a mão no momento em que, ao voltar do exterior, do tempo em que permaneci na Venezuela e nos Estados Unidos, foi o único local onde eu pude obter ajuda para poder continuar a trabalhar.

R - O senhor quer dizer mais alguma coisa para a gente, que ache que deva ficar registrado, assim?

R - Eu acho que eu já disse muito...

R - Já disse muito?

R - Acho que disse o bastante para o seu objetivo, não é?

P - Também acho, as perguntas que eu fiz o senhor respondeu, melhor impossível. Foi objetivo, respondeu... talvez eu vá saber mais dos assuntos, das questões principais, por isso que eu estava perguntando, se tem alguma coisa que eu não perguntei, que você acha que eu deva saber...

R - Não, o episódio é maior, é bem maior, não tem dúvida nenhuma, mas para o objetivo onde todos falaram, onde todos vão falar [...]

P - Vou fazer uma pergunta só, uma última pergunta: como é que foram esses momentos, digamos, anteriores à cassação, você estava esperando a cassação, como é que você recebeu a cassação?

R - Não, houve o golpe de 64, houve o golpe de 64 e iniciaram os tais inquéritos IPM, o Instituto teve três inquéritos diferentes, para todo o pessoal do Instituto e não se apurou, não se indiciou ninguém, não se apurou nada, ninguém foi agredido por causa disso. Isso foi em 64. A cassação foi em 1970, de repente, por surpresa, nós recebemos com muita surpresa, não havendo nenhum motivo para o fato, essa cassação. De modo que foi realmente com muita surpresa!

P - Estava no ar a cassação, você sentia que ela estava chegando?

R- A cassação não estava no ar, mas a raiva do [Rocha] Lagoa estava no ar, porque ele era diretor do Instituto e pleiteou junto a dois ministros da Saúde a nossa saída em anos anteriores. Não conseguiu, os ministros não consentiram, de maneira que quando ele foi ministro, quando ele afinal foi ministro, então ele fez o que ele quis.

P - Por que tanta raiva, Dr. Herman?

R - Olha, a ignorância é uma coisa que não tem limites e a raiva provém de alguns outros episódios também, principalmente em relação a mim porque uma vez ele fez uma conferência na Escola Superior de Guerra e disse [...] ministros que eu resolvi escrever uma carta ao comandante da Escola Superior de Guerra, que era o general Augusto Fragoso, dizendo a ele que, em benefício da própria Escola Superior de Guerra, ele não devia divulgar a Conferência do [Rocha] Lagoa. Acontece que essas conferências são secretas e o homem pensava que continuava secreta a conferência, mas não, o próprio Lagoa tinha posto um exemplar, uma separata, na biblioteca do Instituto Oswaldo Cruz, de modo que isso ficou público e todos nós pudemos ler, ficou público. Então, eu fiz um memorando, ou

coisa que o valha, fiz um ofício ao comandante da Escola Superior de Guerra sobre o fato, onde a mim ameaçou, dizendo que aquilo era secreto, que não devia ser divulgado e havia barbaridades tremendas, não só de ordem profissional, de ordem sanitária, de ordem matemática até.

OBS: O lado A não foi integralmente gravado.

Fita 1 – Lado B: Este lado não tem gravação.

Fita 2 - Lado A

[Começo inaudível] nenhum pesquisador precisa ser democrata no sentido clássico, socialista, isso pra nós não era o problema. O problema fundamental era uma consciência que era preciso impedir a guerra fria, ser contra a guerra de uma maneira geral e a necessidade de trabalhar em ciência realmente para o fim, em benefício do homem e para uma melhor sociedade futura. Se isso é crime pra nós é que eu que eu estava escrevendo o que me pediram para falar em nome do nosso passado, agradecendo tudo o que foi feito, que na verdade excedeu todas as nossas expectativas. Só a grande homenagem que fizeram na sexta-feira passada, no dia 15 de agosto, tão bonita! Só com as representações de Mário Lago, e tudo isso enfim, que todos vocês assistiram, mas me pediram para que eu fizesse esse discurso e eu o fiz, um pouco substituindo o Tito Cavalcanti, que nós todos tínhamos escolhido como mais velho, como uma figura bastante representativa aqui no Instituto, mas que por motivo de doença ele não pode vir. Então, eu estava estudando isso e realmente, isso é uma das coisas que ocorrem quando a gente começa a escrever alguma coisa que não sabe exatamente ainda tudo o quanto vai colocar ou não pode, não deve colocar. Eu diria que [...] tudo que sucedeu depois do golpe de 64 e que nós esperávamos ser cassados; quando houve o golpe de 64, nós esperávamos ser cassados porque, como eu disse nas próprias palavras que eu fiz, eu disse que havia era um divisor de águas aqui no Instituto, havia um grupo que queria que o Instituto preservasse uma parte daquilo que Oswaldo Cruz fez, que foi a parte de fazer soros, de vacinas, para uso da população e que se manteve e se mantém ainda, agora já numa fase totalmente diferente daquela no início do Instituto Oswaldo Cruz, mesmo quando eu estava aqui [...]; e havia parte de pesquisa que Oswaldo Cruz desenvolveu muito e que praticamente se fazia, foi o pai do desenvolvimento da pesquisa científica, médico-biológica no Brasil; isso ele fez, isso é histórico. Mas então, havia esse divisor de águas porque nós aqui do Instituto, estávamos em desacordo com a continuação do que se fizesse aqui no Instituto - soros e vacinas, usando uma boa parte da verba que era utilizada pelo Instituto para este objetivo, como eu disse no discurso que fiz, e que nós achávamos que o Instituto deveria assumir e não se responsabilizar pelo desenvolvimento da pesquisa científica no Brasil, por uma instituição, a mais tradicional, íamos mudar a direção, vamos dizer, do Instituto Oswaldo Cruz. Foi um divisor de águas; isso levava a que tivéssemos divergências, não pessoais [int.de fita], sobre o significado futuro da ciência para todo homem de ciência, e todos nós temos uma enorme responsabilidade científica. O cientista tinha uma responsabilidade sobre o que ia se fazer com a ciência, em todo o mundo e particularmente no Brasil, e principalmente,

considerando o lado positivo da ciência [...], dependendo o Brasil de que se formassem novos pesquisadores - o Instituto iria se dedicar muito mais à pesquisa básica e pesquisa tecnológica, científica-tecnológica de pesquisa mesmo. Era essa nossa intenção antes do golpe de 64.

Isso foi, como eu disse, malevolamente considerado que nós éramos comunistas, esquerdistas, alguma coisa aí, do ponto de vista político. Bom, isso estava no meu discurso, nós sentíamos, a partir de 64, que as nossas divergências, frente a uma posição do governo ditatorial que assumiu aqui o Brasil em 64, que alguma coisa ia nos acontecer, não sabíamos quando. Os inquiritos que se fizeram, que foram vários; eu, por exemplo, estive presente a 5 inquiritos; uns, bem maiores, levavam 4 a 5 horas, aliás, dois; outros, um pouco menores (mas, 4 ou 5, inteiros). Que me perguntavam que eu fazia declarações. Tudo isso estava levando a admitir que alguma coisa iria se passar conosco, não é? Até que se passou realmente em 1970; por isso eu digo, lembrando o livro de Garcia Marques, que foi “Crônicas de uma morte anunciada”, que eu li [...] li muitos dos livros de Garcia Marques, todos em espanhol, porque eu estava na Venezuela; e Garcia Marques é uma figura excepcional na literatura mundial. Ele tirou Prêmio Nobel, em toda a parte de língua hispânica ele tem uma projeção tremenda. Eu li muitos dos livros dele, e o que me vem na memória, essa é a “crônica de uma cassação a ser anunciada” porque, nós estávamos esperando que viria a ser, não sei quando, mas estávamos esperando [...] até que foi.

Pergunta inaudível.

R - Olha, provavelmente vocês vão achar graça, porque eu estava convidado, em Maceió, pelo reitor da Universidade - diretor do laboratório de Fisiologia, o Dr. Nabuco Lopes, para estudar uma toxina de um peixe que havia nos rios, na embocadura dos rios, num dos rios dali de Maceió, que os pescadores, quando pisavam neste peixe que é o bagre, [...] então como eu estava dizendo, eu fui para este instituto, para estudar esse peixe, esse bagre que tem nas costas uma espinha, está ligado a uma glândula venenosa, como se até, quem pisa é como se recebesse uma injeção de veneno no pé. Isso dava uma necrose na pata dos animais que fossem espetados ou no pé de um desse pescadores, que eu vi, o pé ficava inchado, e alguns atrofiavam, criava problemas. Isso é o que eu fui estudar. E estava realizando, tive algumas experiências, que eu não vou citar aqui, seriam muito longas, não teria sentido algum. Estava trabalhando nisso, no laboratório, e de manhã, quando estavam colaborando comigo, chegou e me disse: “Ah, Dr. Moussatché, eu vi na televisão ontem, uma lista de cassações do Instituto Oswaldo Cruz e eu creio que eu vi o seu nome”. Eu disse: Mas só o meu nome? Não, era uma lista, havia uma outra pessoa que era um nome alemão... Eu disse: Bom, não era alemão [...] Dr. Herman Lent estava aí. Então, era Herman Lent. Bom, então realmente um nome que tinha influência em toda a [...] também. [...] A minha reação foi que eu comecei a rir um pouco, mas não a rir de nervoso não, achei muita graça, não esperava por isso, não estava esperando. Mas aí tinha que voltar. Cheguei aqui no laboratório, estava o pessoal. Eu disse, o regime totalitarista chegou, não esperava, não estava esperando [...]. Eu disse: “Olha, Nabuco, já praticamente o que eu tinha que fazer eu já fiz aqui, evidentemente aconteceu uma coisa extremamente violenta, o que tinha que ser liquidado agora e eu tinha que voltar. Aí providenciamos o pagamento [?] para o Rio de Janeiro. Aí cheguei aqui no Rio e no dia seguinte eu vim ao Instituto para saber exatamente qual era a situação. Cheguei aqui no laboratório. [...] o Tito Cavalcanti já tinha me passado

um telegrama para Maceió dizendo: “Olha, você foi cassado e é bom você voltar pro Rio, porque os problemas que você tinha com essa cassação. Cheguei aqui no Instituto e uns quinze ou vinte minutos depois, o diretor, naquela ocasião, ele leu um ensaio dele - que era um colega aqui do Instituto e disse: “Olha, o diretor quer que o sr. se retire imediatamente do Instituto!” E eu peguei as minhas coisas, não queria tirar nada, as coisas pessoais minhas, peguei a minha mala, naquele tempo eu não usava bengala (isso é pouco importante) e desci pelas escadas do Instituto para pegar um ônibus e me lembrei, não era essa estrada nova aqui da avenida Brasil, que pela primeira vez que eu vim ao Instituto, quando eu estava no primeiro ano de Medicina, um colega meu de turma, que trabalhava aqui me convidou para vir, para estudar parasitologia pela primeira vez, num sábado e domingo eu estudava, subi a pé essa mesma escada, não essa, a outra, subi essa estrada até 1928; e agora em 1970, estabelecendo [...] porque de acordo com a cassação, nós estávamos proibidos de vir ao Instituto, de frequentar a biblioteca, não só aqui do Instituto, mas em qualquer laboratório do governo.

- Perguntas inaudíveis.

Bem, cada um de nós começou a procurar seu caminho, eu tive um convite, imediatamente pouco depois, mas enfim, alguns meses depois, uns poucos meses depois... Tive um convite para ir para a Inglaterra, ir para Edimburgo; e depois houve também uma oferta para ir para Londres e o Dr. Ubatuba que também estava procurando um caminho, que também tinha sido convidado para Cambridge depois de um tempo. Mas ele tinha sido previamente convidado para ir para a Venezuela, foi para a Venezuela. E ele estava lá, e eu estava aqui, há um ano aqui, aguardando uma série de tramitações. A minha ida... a Inglaterra naquela ocasião vivia um estado de crise econômica [...], o Conselho de pesquisa da Inglaterra estava um pouco demorado, entre outras razões [...] Que eu tinha 61 anos, e na Inglaterra aos 65 anos, as pessoas se aposentavam obrigatoriamente. Daí eu ia chegar lá aos 61 anos, e por outro lado eu já tinha uma posição cientificamente, que eles não podiam me dar um cargo de principiante, e depois se tivessem que me aposentar, eu representava uma despesa. Enfim, havia muitos problemas... E o [Fernando] Ubatuba, que aliás na ocasião não sabia disso [...] porque houve uma certa demora; me telefonaram na Inglaterra e me disseram: “Olha, o teu processo, um deles...” “Olha, a tua bolsa sai, mas vai demorar um pouquinho mais...” Aí o Ubatuba me ofereceu para eu, para [...], como experiência. Era uma Universidade nova, que estava sendo organizada um Laboratório de Pesquisas. Aí disse: “Você não quer passar um ano aqui, enquanto a sua bolsa sai? [...] Fiquei lá por um ano e passado um ano eu vi que havia milhões de interesses pelos jovens, alguns jovens que estavam trabalhando comigo, da própria direção da Universidade, o reitor (incompreensível), ele mostrava um certo interesse, estava me dando auxílio para montar o laboratório, que [...] mais um ano [...]. Mas depois disso eu vi que valia a pena, eu realmente, na Inglaterra eu ia arrendar um programa científico parecido um pouco com o que eu fiz aqui no Instituto, iria fazer talvez mais um trabalho, ou dois trabalhos, ou três trabalhos, se tivesse que me aposentar, enfim [...] Eu ia ter a possibilidade de ter um laboratório que pela primeira vez se montava e pela primeira vez se começava realmente a trabalhar em ciência [...] e tinham muitos jovens, alguns que já estavam trabalhando, que ficariam comigo. Quer dizer, eu ia fazer alguma coisa de uma utilidade que eu acho muito grande; eu diria, na Inglaterra, seria mais um. [...] na Universidade. Eu podia fazer alguma

coisa que normalmente é raro, porque pesquisa científica a gente tem que fazer aquilo que a gente já sabe, não é?

Que eu consegui montar lá [...] e depois o próprio reitor me convidou para ser Presidente do Conselho de Pesquisa da Universidade, que ainda não tinha sido criada, e as minhas atividades lá durante os anos de 71 até 74 permitiram o florescimento de vários jovens e o reitor mesmo sentiu que era chegado o momento de organizar um Conselho de Pesquisas da Universidade. De uma maneira geral, a lei da Universidades lá na Venezuela e aqui também, obriga que todas as Universidades têm que ter um Conselho de Pesquisas quando este já está chegada a ocasião. Me deu então a direção do Conselho de Pesquisas, que aliás foi de uma forma muito simples que ele me convidou para uma reunião na reitoria, mas não me disse o que era. E na mesa assim, [...] como nós estávamos aqui sentados nesse momento, ele tinha outros professores, alguns que eu não conhecia. E, em dado momento, o reitor diz: “Olha, considerando o chegado momento de organizar o Conselho de Pesquisa da Universidade, então, eu vou fazer um ato assim, assim, e o senhor, [...] muito satisfeito, eu o convido para ficar na direção deste Conselho, junto com seus colegas - e o nome de alguns que eu não conhecia e lhe pergunto o que o sr. acha. Eu disse: “Olha, para mim é uma grande distinção, nunca esperei isso, nunca fui diretor de alguma coisa administrativa, não tenho experiência administrativa - aqui fui chefe de seção e chefe de seção em geral não tem função administrativa; aqui no Instituto. De modo que lá eu ia dirigir alguma coisa que pela primeira vez era administrativa. E eu disse: Bem, o que temos de fazer é reunirmos amanhã, começar a fazer um regulamento do Conselho de pesquisa, e assim foi.

- Intervenções / Perguntas (Inaudível)

Tem que ser de um juízo muito pessoal, porque eu, por exemplo, tem que ser uma coisa muito pessoal, a minha impressão pessoal, porque eu creio que o importante na nossa cassação, como eu creio na cassação de muitos pesquisadores de outras Instituições, seja aqui, como por exemplo, na faculdade de Filosofia, Ciências e Letras; em São Paulo, em várias das Faculdades, tudo isso é uma consequência de uma atitude do governo, ditatorial, do governo militar, do golpe de 64, que tinha os seus colaboradores que procuravam afastar as pessoas que eles consideravam perigosas, que estavam dentro do que o governo ditatorial considerava necessário afastar dos postos do Brasil que fossem de alguma responsabilidade e alguma importância. Isso fazia parte do que eles consideravam pelas suas ideias políticas, que, na verdade, muitas vezes, não eram ideias políticas partidárias. Eu, por exemplo, declarei num depoimento, que eu sou um socialista, que tenho um pensamento socialista, se bem que jamais pertenci a nenhum partido; mas era um ponto de vista meu, da situação social do mundo e do Brasil, em particular, e como eu, outros também tinham alguns, talvez pertencendo já a uma atividade mais, por exemplo, dos partidos. Mas, claro, para o governo, era importante afastar toda essa gente que representavam perigo para a evolução que eles queriam dar ao Brasil [...]. Nós éramos, eu acho que isso não é portanto, uma coisa pessoal. Portanto, eu creio que aqui dentro do Instituto, eu, pessoalmente, nunca tive nenhum problema pessoal com nenhuma dos diretores propriamente da Instituição, nem com o Dr. Rocha Lagoa. Pessoalmente, nunca tive nenhum problema, de maneira que eu não tenho nenhum problema; mas, regularmente, essa é uma opinião minha. Eu creio que - desculpem, pela primeira vez eu estou falando diretamente do Dr. Rocha Lagoa - eu acho

que ele estava dentro do seu ponto de vista político como uma pessoa do governo, que estava aqui para, não só dirigir a Instituição, como cumprir um programa que foi feito pelo governo.

-Interrupção na fita-

Eu tenho a impressão de que não é fácil dizer qual era o perigo que nós representávamos porque cada pessoa do governo podia ter uma ideia diferente, né? Por exemplo, iria achar que realmente os cientistas são perigosos porque ele, alguns, não são muitos, tinham tendência política na ocasião, que estariam sendo combatidas pelo governo, que achava que as ideias políticas não estariam de acordo com a posição política do governo [...] Normalmente, elas queriam que fossem afastados, é por isso. Podiam ter ideias muito diferentes, eu encontrei muita dificuldade em me estender muito nisso, que não pegasse todo um complexo social, todo um contexto social do Brasil - do passado, do futuro e [...] do contexto do mundo, para chegar a uma explicação que já no fim não seria uma explicação, mas uma explicação muito geral, de uma coisa tão complexa como era. Se me perguntarem a mim, pessoalmente qual era o perigo que eu representava, nunca pertenci realmente a nenhum partido político porque sou realmente muito cético, em relação, não à política como uma ciência política, mas como todo esse contexto onde estão metidos os homens, com todos os seus interesses, com todas as suas problemáticas, as suas idiossincrasias, como se diz um pouco em espanhol... Então, eu me pergunto, que que eu faço? Eu sou perigoso por que? No que que eu estou trabalhando para ser perigoso? Eu, na ocasião, estava trabalhando num problema, entre um dos problemas era por exemplo, as relações entre respiração celular e reações antigênicas do corpo; era um dos problemas que eu estava trabalhando. Estava começando a trabalhar num problema também, já de comportamento animal, porque um grupo estava [...] absolutamente sem interesse. Que que eu estava fazendo nisso? Eu estava simplesmente procurando esclarecer problemas científicos que eu acho que eram importantes. Então, por que eu estava fazendo isso, coisas que iam interessar à comunidade científica mundial, eu era perigoso?! Me afastar por que estava fazendo isso? Não, não pode ser isso, evidentemente não pode ser isso, é o medo que eles têm, realmente, de que nós, muito fiéis a uma análise científica do mundo, do que estava se passando no mundo científico, mas com as suas relações sociais. E então, aqui eu acho, evidentemente... eu pertencia, por exemplo, à Federação Mundial dos Trabalhadores Científicos. Eu estou citando o meu caso pessoal, que não é de todos - a Federação Mundial dos Trabalhadores Científicos é uma Federação que foi fundada por alguns pesquisadores da Inglaterra e da França; da França, por exemplo, foi Julien Perroult (?). Tudo isso foi feito na base de experiências de explosões de Hiroshima e Nagasaki, que levantou uma consciência do mundo inteiro - em particular dos pesquisadores - que a ciência tinha, podia ter aqueles efeitos sociais enormes, terríveis, né? Então, começou a aparecer a responsabilidade do pesquisador nas pesquisas que estava fazendo. E todos nós, entende, essa responsabilidade, tínhamos que ter uma consciência social; então, todos nós éramos contrários à explosão da bomba atômica e às experiências de explosivos de bomba atômica, como estavam se fazendo já, desde 45 em diante. Isso criou um certo problema que foi a Guerra Fria entre os países do Ocidente e a União Soviética, e depois também a China, que separou politicamente os dois países; depois também os soviéticos explodiram a bomba atômica, já tinham também um poder de destruir a humanidade, como os americanos já

estavam com isso - uma coisa criminosa que foi Nagasaki e Hiroshima. Então, todos nós, aqueles que acham que isso não está certo... quer dizer, estamos vivendo num mundo de alta periculosidade para o ser humano, tínhamos que ter uma posição definida, que a nossa posição era contra as explosões atômicas, contra as experiências que pudessem levar à qualquer problema de guerra. Para nós, podia um pesquisador ser democrata no sentido clássico, a ser socialista, isso para nós não era problema.

Fita 2 – Lado B

Podia um pesquisador ser democrata no sentido clássico ou ser socialista, isso para nós não era problema, para mim o fundamental era uma consciência que poderíamos todos nos unir para impedir a Guerra Fria, ser contra a Guerra Fria, ser contra a Guerra de uma maneira geral, como solução para os problemas políticos. E a necessidade de trabalhar em ciência, realmente, para o fim do benefício do homem e para uma melhor sociedade do futuro. Isto é crime [...] deste crime que afasta aqueles que trabalham e que pensam assim. Foi o que aconteceu conosco e com muitos pesquisadores brasileiros, onde eu não vou nem citar porque aí estão os que foram cassados, [...] ideologia [...], aí está o [...], o Hildebrando, uma porção de gente, toda essa gente que simplesmente o crime deles era ter uma posição, uma consciência social que eles adquiriram, não com a explosão da bomba, mas muito antes disso, antes da Guerra de 39, como significado da ciência para o mundo moderno. E a nossa posição clara de ser contra a guerra e querer que a ciência fosse utilizada só para bens pacíficos e interesses da humanidade e de um mundo melhor. E para todos; um ser vivo tem direito a tudo que se faz de bom no mundo e não permitir que haja classes, que haja gente que se aproveita da ciência para explorar isso, para [...] e normalmente utilizando descoberta científica de um cientista que não têm nenhum proveito perante isso e que outros aproveitem para benefício pessoal. Então, nós somos favoráveis a uma estrutura social que permita utilizar o que a gente está fazendo para o bem de todos. Se é isso é crime, pois então, nós somos criminosos; mas isso a história julgará.

Perguntas/Intervenções (inaudíveis).

Bem, em primeiro lugar, quando eu fui para a Venezuela, eu pensei que não voltava mais, considerava a Venezuela alguma coisa definitiva, porque com 61 anos, com o governo que a gente sentia que ia durar muitos anos ainda, com uma idade que eu admitia que já estava naquela idade onde a gente vai se encontrar com a eternidade; [...] a ideia era que talvez voltasse ou não voltasse mais e realmente eu passei 9 anos sem vir, [...], tiraram meu passaporte para vir ao Brasil, se bem que o governo [...] me deu um passaporte, eu fui ao México, etc... Mas isso já está fora de pergunta. Na verdade, no laboratório nosso não sou eu o único que representava, não era também o laboratório do Herman. Quer dizer, nós representávamos realmente uma pessoa que tinha maior experiência, no caso seria eu, como antes era o Osório de Almeida, que tinha mais experiência, que formou a mim e ao Mário Vianna, tinha outros... De modo que tinha também muita gente do laboratório, como tinha também o Walter Cruz, como tinha o Herman etc. De modo que ali estavam já uma porção de colegas já onde muitos já eram pesquisadores, vamos dizer, dentro do laboratório,

subgrupos. Por exemplo, a [...] já tinha um grupo trabalhando com ela num problema determinado que eu comecei, eu orientei e depois ela já estava e eu já tinha passado para outro, como eu já disse anteriormente que, nessa parte de respiração celular e reação anafilática, estava o Nelson Vaz, tinha o Mário Vianna Dias, Gilda Lima, enfim, não vou citar tudo porque [...]. Aí comecei a trabalhar num outro problema que estava o Ivan Martins, o Bráulio Magalhães de Castro, o Reinaldo Magalhães, Paulo Ramos, o José Quadra, Lopes Quadra e outros, a Mariza Jurberg. Enfim, eu tinha quase 14 pessoas no meu laboratório; o Walter tinha também muitos antes de morrer, ele morreu muito moço, lamentavelmente...

O Herman também tinha vários, o Jurberg vocês conhecem; também tinham outros. Sebastião etc. Era um laboratório que estava funcionando muito bem, como eu disse, e repito agora, estava em discurso(?), era o meu laboratório que era uma divisão de Fisiologia de Farmacodinâmica, por exemplo, uma coisa maior que o laboratório, tinha mais de 200 trabalhos publicados, como os outros também tinham coisas que valessem, e era um Instituto muito longe de ser uma instituição em decadência, como algumas pessoas diziam, era uma instituição que estava florescente. A nossa situação, como se esperava, desde 64, começou a fazer com que muitas pessoas sentissem que os problemas iam se agravar, e começar a deixar o laboratório até que se deu essa cassação; mas muita gente que ficou aqui, desde o tempo em que eu me retirei; [...] o Instituto, eu fui convidado a me retirar do laboratório durante quinze minutos e esses aí ficaram aqui, sentiram que agora se enfrentava uma outra realidade. Então, alguns, pedindo licença inclusive, da própria instituição, levavam alguns aparelhos para a Faculdade Fluminense de Medicina - Dr. Mário, por exemplo, estava lá na Faculdade Fluminense de Medicina, o Chico Trombone também estava lá, então eles...O Ivan Marins estava além daqui, mas estava trabalhando em outra Instituição e ele simplesmente levava alguns aparelhos, felizmente para esse outro laboratório, e agora quando eu voltei, claramente eles disseram: “Olha, tem aqui essas drogas que eu levei, que não usamos todas que nós temos muita quantidade, tem aqui um fisiógrafo, tem isto, tem um microscópio de contraste de fase e eles me devolveram algumas dessas coisas que já estão no laboratório que já está montado, que já está funcionando lá atualmente, desde setembro do ano passado”.

[...] A minha volta para cá foi como eu já tive a oportunidade de dizer algumas vezes, eu fiz uma visita que foi assim um pouco, me atendeu a uma situação que eu sabia que era aquela que tomava a nova direção do Instituto de querer reintegrar os cassados e fazendo uma série de... e dizendo uma série de palavras muito favoráveis a nosso favor e eu achava que devia fazer uma visita de cortesia, eu tinha vindo ao Brasil, uma visita de cortesia, isso foi em 85, agradecendo ao Instituto as palavras do que diziam a respeito de mim, porque os outros já tinham estado aqui. Aí eu vi, o Morel me disse: “Mas você não tem como voltar para o Brasil”; eu digo: “Tenho, [...].” “Mas você não quer, nós tínhamos pensado você ficar outra vez como chefe da divisão do Departamento de Fisiologia e Fármaco.” Eu disse: “Mas eu tenho que voltar para a Venezuela, eu tenho muita coisa lá”; “Ah, você não queria voltar para o Brasil”; eu disse: “Não, eu tenho que voltar um dia”. Então, se realizava aquilo que eu pensava que jamais seria; então isso representou para mim realmente um ponto, um ponto que eu diria, um ponto de inflexão, dizendo uma maneira de falar do matemático, de uma curva quando muda de direção: é um ponto de inflexão na vida que eu pensava que seria o resto da minha vida, era voltar ao Instituto. E voltar ao Instituto representava para mim - o primeiro dia que eu vim ao Instituto, como eu disse,

subindo aquela estrada, e indo lá para o laboratório em 1928; vir para o Instituto em 1934, trabalhar aqui 40 anos, organizar o laboratório, quer dizer, voltar outra vez a este Instituto era o ideal desde que eu era estudante de ginásio, que eu sempre quis fazer ciência, e quando entrei para o Instituto foi essa a minha objeção, sempre trabalhei no Instituto, jamais tive clínica ou nada disso, voltar a isso, que que representou? Representou uma... indefinível em palavras.

Intervenções - quase totalmente inaudíveis - sobre a cassação na época.

O que acontece é que, os que foram cassados, quase todos eram pessoas [...] eram pessoas já maduras, que estavam formando pesquisadores, portanto, representavam a perda de gente que podia formar novos pesquisadores. Como eu disse, antes de estar sendo gravada a entrevista, ao senhor que, um pesquisador pode formar um outro pesquisador, mas pode formar dois ou três ou quatro, não pode formar muitos assim, dezenas não, tem que ser poucos, porque cada indivíduo que você está formando é uma pessoa, tem que atender um pouco ao caráter dessa pessoa, sua maneira de ser, e para que a convivência seja útil para ele e para o laboratório. Então, cada um desses é um jovem que vai preparar para se dedicar à ciência e eu faço uma imagem: é como se fosse um escultor que está criando alguma coisa e que tem a todo momento que ... estar procurando aqui e ali, dar a feição que tem que ter aquilo que você quer criar a que vai ser o pesquisador. Então, seria assim uma imagem estética, estou formando uma pessoa que tem que adquirir a metodologia científica, ele tem que entender isso e para que ele entenda, tem que levar um certo tempo, eu tenho que estar junto dele a todo momento para que ele não cometa erros que ele pode cometer como inexperiente. Então esse é um trabalho diário do laboratório com os jovens; então, cada pesquisador que sai é um grupo de pesquisadores que deixa de se formar naquele tempo que eu lhe disse, média de seis anos, mais ou menos.

Todos que saíram do laboratório, nem todos eram já pesquisadores, mas já um grupo grande era, como era também o do Walter, que hoje estão aí, pelas várias universidades, fazendo novos pesquisadores. Não é que se perdeu-lhes, perdeu-se para o Instituto, mas muitos destes estão trabalhando nas universidades, estão formando gente - como o (nomes incompreensíveis), elas também estão formando gente. Quer dizer, a perda para o Brasil foi uma congregação de gente, foi uma atmosfera do laboratório, que podia ter muito mais gente aqui dentro do Instituto. E, não havendo esse hiato que representou pelo menos para o Instituto. Mas assim como representou um hiato para o Instituto a nossa cassação, representou um hiato na Faculdade de Filosofia e Ciências representou um hiato na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, representou na Escola de Medicina de São Paulo; enfim, em uma porção de outras instituições onde as pessoas foram afastadas pelos atos Institucionais do governo ditatorial.

Intervenções - inaudíveis.

Bem, vamos dizer em 1948, evidentemente, havia já um crescimento da atividade científica no... Eu digo, já em 1948, já havia no Brasil uma porção de pesquisadores que tinham uma certa posição científica internacional e também, nacional. E a única instituição científica [muitos barulhos externos à gravação] era a Academia Brasileira de Ciências que fazia as suas reuniões regulares de 15 em 15 dias e que eram eleitos os que representavam,

vamos dizer, já os [...] Milton Gomes, [...] os pesquisadores... Mas não havia uma Instituição que reunisse os pesquisadores jovens, que deveriam participar de reuniões como eles sendo os protagonistas também e de uma sociedade que pudesse enviar a mensagem das coisas que nós fazíamos, no mínimo, para todas as pessoas que de alguma forma se interessavam pela ciência. Simplesmente curiosos do povo, diante de uma camada culta que quer saber alguma coisa de ciência ao seu nível de entendimento que já [...] culta ou mesmo que não fosse culta, mas e nas várias camadas, enfim, para o povo em geral. Então, em suma, são sociedades que abrigam outros países, havia... Havia a Sociedade Americana para o Progresso da Ciência, [...] também na Inglaterra.

Então, Rocha e Silva teve a ideia de criar e procurar alguns pesquisadores brasileiros, entre os quais, a mim, eu sou colega de turma do Rocha e Silva - ele era um amigo muito íntimo e eu lamento muito a morte dele há dois anos, três anos. Ele propôs em São Paulo e fundamos aqui, e também em Belo Horizonte e fundamos a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, e era uma Sociedade que reuniria os pesquisadores já como núcleo fundamental, pesquisadores já de uma longa experiência; os jovens pesquisadores estavam trabalhando com cada um de nós e também procurando levar para o público em geral, para todas as camadas da nossa sociedade, uma informação da ciência originada pelos próprios pesquisadores, dentro da orientação, um respeito à verdade e à transmissão das coisas - como deve ser feito para o entendimento daqueles que tem curiosidade em saber alguma coisa do que se passa no [...]. Então, essa foi a função que originou a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. A primeira reunião foi em Campinas e depois se realizaram várias. Bem, acontece que a reunião de 1957, já se realizava a 9ª reunião da Sociedade. E eu era o Secretário Geral, fui 14 anos o Secretário Geral da parte do Rio de Janeiro da Sociedade. E eu quis colocar um pouco também de Ciências Humanas, que até então se dedicava às ciências básicas, naturais, e Física, Matemática etc. Eu disse, vamos botar um pouco de Ciências Humanas também, estendendo um pouco mais a nossa área. E queria empurrar tautologia (?) e alguém me disse: “Você conhece o Darcy Ribeiro?”. Eu disse: “Não, não conheço”. E eu disse: “Olha, o Darcy podia ser, porque ele trabalhou em etnografia e pode te dar algumas coisas sobre os índios. Fui procurar o Darcy, e eu propus a ele fazer, [...] na reunião, que foi a nona reunião, realizada aqui no Rio de Janeiro, fui eu quem organizou. Daí o meu contato com o Darcy, daí também um pouco o contato com o Darcy mais estreito com o pessoal da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

Bem, veio o governo Juscelino, [...] em 57 e o Darcy estava numa assessoria ao governo e ele teve a oportunidade entrar num contato muito estreito com o pessoal da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, Amaurício, com o (...), [...], com o Walter, o Herman, Ermírio e ele nos convidou para colaborar no projeto de organizar, como disse o Juscelino, uma universidade nova para uma cidade nova. Realmente as nossas universidades representavam ainda um ranço muito antigo, que eram aqueles catedráticos que tinham um poder enorme de decisão etc., que se organizavam em departamentos e se pensou nisso, fazer uma universidade de uma estrutura diferente das estruturas até então existentes nas universidades. Então, se pensou fazer os Institutos básicos que é o que tem a Universidade de Brasília - que fizeram então uma universidade que tinha características muito diferentes das universidades normalmente. Isso refletiu-se sobre as outras universidades que passaram a fundar um departamento, sentiram que alguma coisa nova a Universidade de Brasília estava propondo e fazendo, e que elas também tinham que refazer

um pouco a sua estrutura, se criaram então os departamentos que hoje existem nas universidades. A nossa contribuição, não só a minha só, eu digo a de todos os pesquisadores que estavam nas universidades e que entraram em contato com o Darcy e o Darcy, numa assessoria, [...], do Juscelino, de criar a Universidade de Brasília, foi muito importante numa reestruturação das universidades do Brasil como um todo. Veio o golpe de 64, intervenção na Universidade de Brasília, expulsão não, mas 200 pesquisadores pediram demissão, a Universidade de Brasília entrou em crise e aí depois nas outras universidades e as cassações, tudo isso sofreu esse impacto. A sociedade continuou a viver, [...] protestando contra o que o governo fazia, mas corremos perigo que estavam todos aqueles que contradissem o governo do momento; por isso, a sociedade, durante um certo tempo fazia reuniões e realmente já agora mais recente, a sociedade fez reuniões que representavam o protesto de todos os pesquisadores frente ao governo, que já há muitos anos estava dirigindo esse País de uma forma que não era do interesse de todo o povo brasileiro.

Final da fita.

OBS: O lado B não foi integralmente gravado.

Fita 3 - Lado A: (outra voz)

Sebastião de Oliveira - A cassação surgiu, vocês sabem, em abril de 1970, né? Primeiro de abril de 1970 e foi curioso porque eu tinha chegado para o trabalho, mais ou menos às 10h, coisa que eu não fazia, o hábito meu era chegar às 07:30 aqui no laboratório, que não era esse, que agora aqui nós estamos, era um outro, homólogo a esse, do outro lado desse andar. Aqui trabalhava o professor Hugo Souza Lopes, que também foi cassado. E mal eu cheguei, uma auxiliar nossa, que trabalha até hoje aqui, a Wanda, a Wanda veio correndo e disse assim: “Ôh, Sebastião, deu no rádio agora que vocês foram cassados, eu olhei para ela, ri e disse: “Ôh Wanda, você está esquecendo que hoje é dia 1ª de abril?” Bom, não era primeiro de abril, né? Mas essa cassação foi precedida, logo depois da Revolução, nós fomos, e nós aqui - foi grande parte dos funcionários do Instituto, nós fomos submetidos àquela famosa Comissão Geral de Investigações, em todas as repartições tinham uma comissão geral e havia seções da comissão geral e aqui nós tivemos também uma Comissão Geral de Investigações que, de um lado, ouviu alguns, quase que como réus, e outros como testemunha. Então, a grande parte dos funcionários foi ouvida por essa comissão, essa comissão foi presidida pelo professor Olympio da Fonseca Filho, que tinha sido pesquisador aqui na Fundação e quando houve, em 1937, a [...] acumulação, naquela famosa ditadura do Getúlio Vargas, ele preferiu, ele ocupava o cargo de pesquisador da Fundação e professor da Faculdade de Medicina, então ele preferiu continuar, ficar como professor da Faculdade e largou a Fundação. Posteriormente, ele voltou para cá, antes da Revolução e na Revolução então, ele foi nomeado o chefe dessa Comissão Geral de Investigações; e paralelamente à Comissão Geral de Investigações, nós tivemos um inquérito policial militar, já aí ouvindo, não a totalidade do pessoal, mas, mais ou menos os comunistas de Manguinhos, que éramos nós - nós éramos chamados os comunistas de Manguinhos.

P - Por que vocês eram conhecidos como comunistas de Manguinhos?

R - Porque houve um episódio anterior que foi o seguinte: Em 1946, a outra Constituinte, o Luís Carlos Prestes, então secretário geral do Partido Comunista Brasileiro, Partido Comunista do Brasil naquela época, ele foi eleito Senador e houve um episódio que ficou conhecido aqui em Manguinhos como episódio do telegrama que, a exemplo de outras entidades, de outras organizações, de outras instituições de pesquisa, escolas etc. a comunidade, enfim, passou um telegrama ao Prestes. Então, porque o Prestes tinha feito um discurso no Senado contra a permanência dos soldados americanos em território brasileiro, nas bases, e o governo do Presidente Vargas tinha cedido. Ah, em Natal, Recife, santa Maria no Rio Grande do Sul e tal... E a guerra tinha terminado e eles continuavam aqui. Então, o Prestes fez um discurso neste sentido e nós passamos o telegrama apoiando o Prestes nessa atitude.

Bom, posteriormente a esse fato... [Intervenções inaudíveis]. Posteriormente a esse fato, o Prestes fez um outro discurso, que era um discurso assim meio confuso, que ele estava falando sobre as guerras, ele falou em guerra - guerra imperialista e guerras de defesa, [...], coisas desse tipo e ele foi agraciado pelo Senador Juracy Magalhães que perguntou a ele o seguinte: “Senador, se o Brasil entrar numa guerra com a União Soviética, o senhor fica a favor da União Soviética?” “O Prestes, coitado...(risos) [...] e não lembro [...] não interessa, mas o que interessa é o seguinte: os interessados aqui do Instituto, em nos tirar daqui, em nos perseguir, muito antes da Revolução de 64, começaram a dizer que havia comunistas que havia comunistas aqui em Manguinhos que tinham apoiado o Carlos Prestes numa guerra em ficar ao lado da União Soviética, então, nós passamos a ser chamados “Os comunistas de Manguinhos” por causa desse fato, tá?

Bom, também havia uma outra causa que foi o seguinte: houve uma famosa questão judicial entre o professor Cândido de Melo Leitão e o professor Waldemiro Pontes, tá?

Não sei se vale a pena contar aqui, talvez outros possam contar melhor, mas, resumindo, era o seguinte: o professor Mello Leitão pertencia a uma chamada “Comissão do Livro Didático” porque os livros didáticos do curso secundário eram indicados por uma comissão - o professor Mello Leitão fazia parte dessa comissão e, ao mesmo tempo, ele era autor do livro didático de Zoologia, e o professor Pontes tinha os livros dele sempre indicados pela comissão. Ele publicou um livro e a comissão de livro didático negou que esse livro do Pontes fosse indicado para os secundaristas de todo o Brasil e indicou um livro do Mello Leitão recém-publicado. Então, o Pontes achou-se prejudicado e foi na Justiça, tal e tal... E o Pontes convidou o Professor Herman Lent para ser perito dele na questão e o Olympio da Fonseca foi o perito do Mello Leitão. E o Mello Leitão foi arrasado pelo Herman Lent e pelo Pontes, que publicou uma série de volumes contendo, listando todos os erros do livro do Pontes, foi um negócio tremendo, né? Do livro do Mello Leitão (?) e com isso, houve uma briga entre o pessoal do Mello Leitão e Olympio da Fonseca e o pessoal do Instituto Herman Lent, e eu, por exemplo, fui infeliz, por tabela porque era estudante naquela época, estava estagiando aqui... e tive o ódio desse pessoal. Por exemplo, eu me inscrevi na Faculdade de Filosofia na época para fazer o curso de doutorado - um dos primeiros cursos de doutorado aqui no Rio de Janeiro e minha inscrição foi negada porque eu era oriundo daqui; o professor, na época, era o filho do Mello Leitão, o Aluísio de Mello Leitão e coisa assim... Então, quando o Olympio da Fonseca veio chefiar a Comissão Geral

de Investigações e nós todos éramos réus, ficou evidente que haveria uma perseguição, entende? Ficou claro para nós, né?

P - Como o senhor estava relatando, no momento que foi anunciada a cassação, não chegou a ser uma surpresa, quer dizer, havia uma expectativa de que alguma coisa deveria acontecer...

R - Não, não, foi uma surpresa, foi uma surpresa pelo seguinte: porque esse empenho que foi feito pelo General e essa Comissão de Investigações, eles não conseguiram apurar que havia subvenção em Manguinhos. E esses processos foram arquivados, foram feitas várias tentativas, com os vários ministros da época - Raimundo de Brito, um deles, o outro foi o Leonel Miranda, que se negaram a fazer qualquer punição achando que não havia provas contra nós e inclusive o chefe da seção de segurança do Ministro de Segurança Nacional, que cada Ministério tinha. O coronel que chefiava essa coisa, o próprio coronel de segurança do Ministério da Saúde achava que as provas que existiam contra nós, não eram provas. Então, os processos foram arquivados. Posteriormente a esses dois primeiros inquéritos, nós sofremos um terceiro inquérito, já em 67, se não me engano; foi quando houve aquele episódio da Universidade de Brasília, que vários professores se demitiram e então a seção de segurança do Ministério - essa seção de que estou falando agora - mandou para o Rocha Lagoa, então diretor do Instituto, um memorando. E o memorando... [Pequena interrupção na fita - intervenções inaudíveis]

É, havia nessa época do episódio de Brasília, o CENIMAR, que era o serviço secreto da Marinha, passou um telegrama para o Serviço de Segurança do Ministério dizendo o seguinte: “Eu sei isso, esse texto foi decorado porque foi-nos mostrado o seguinte: “Do Cenimar para o Serviço de Segurança do Ministério: favor investigar se o professor Haity Moussatché, pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz está apoiando professores comunistas da Universidade de Brasília. Isso pode prejudicar a administração do Dr. Rocha Lagoa, mal pesquisador, mal administrador, porém bom ex-comunista.” Isso era o telegrama; então, o Conselho de Segurança do Ministério, em vez de apurar esse negócio, mandou essa coisa para o Lagoa e provavelmente, o Lagoa, não sei se só considera que era um bom ex-comunista e teve uma resposta para isso. Quer dizer, não dizendo que não era bom pesquisador - não negando esse fato - não comentou isso, mas dizendo: “Sim, é verdade, o professor Haity e tal... está prejudicando a nossa administração, ele merece ser afastado, e além dele, tem mais: Sebastião de Oliveira, Hugo de Souza Lopes, Haity, Perissé... E citou o nosso nome e mais alguns que não foram cassados depois... E sugeria punições: transferir alguns para o Piauí, outros para não sei onde, outros mudar de seção; por exemplo, no meu caso que ele achava que eu ainda era recuperável, se ele me tirasse da minha entomologia e botasse na seção de química, por exemplo, eu seria recuperável. Tinha que afastar do núcleo aqui, que era o Herman Lent, que eles achavam que era o cabeça, né?”

Bom, então nós sofremos um terceiro inquérito, que foi um segundo IPM, esse feito no Ministério, e uma das acusações também que estava nessa coisa era que nós éramos favoráveis à Criação do Ministério da Ciência e Tecnologia - da Ciência, da Tecnologia entrou depois, mas era Ministério da Ciência e até nessa época, o Roberto Campos, que é senador hoje, era ministro, era também favorável, porque ele convidou o Haity Moussatché, o Tito Cavalcanti, o Herman Lent para um almoço para [...] O fato foi esse, o Roberto Campos era favorável a eles. E houve até cientistas que voltaram do estrangeiro naquela

época, tinham sido cassados na primeira cassação e que também eram favoráveis à criação desse Ministério. Mas então, voltando à sua pergunta, nós não esperávamos que houvesse a cassação porque, tudo isso- houve o caso do IPM, que o ex-general Falcão apurou que o que havia aqui era uma fofoca entre cientistas, né? Na opinião dele, mas não havia nada de mais grave, e quando o Rocha Lagoa foi convidado para ser ministro da Saúde, ele que tinha tentado, desde a época que ele ainda não era diretor, mas era apoiado por um grupo de gorilas aqui do instituto - havia um cientista, um pesquisador, que o sogro dele era almirante, então eles é que tramaram a ida do Lagoa para a direção do instituto. Então, quando o Lagoa passou a ser o diretor, ele pegou os nossos nomes e levou ao Presidente Médici que assinou a nossa cassação e numa entrevista que ele deu pouco antes de morrer, ele negou este fato porque ele disse que no governo dele não cassou ninguém. [Intervenção ao longe]. Havia alguma coisa na concepção, digamos, do projeto de Pesquisa Científica, ou da maneira com que a Pesquisa Científica deveria ser desenvolvida no Brasil, havia alguma coisa, digamos, de caráter mais, digamos [...], ou de caráter mais profissional, mais político, que tenha, de alguma forma, através dos anos, quer dizer, levado a esta... quando surgiu esta oportunidade [...]. eles, tendo inventado todos estes pequenos pretextos [...] [...]

R - Isso já me perguntaram, isso me perguntaram aqui na, a Rose, esse pessoal da história... se havia esse tipo de coisa, era sutil demais. Quer dizer, havia [...] um grupo nosso - o Travassos [...], o Travassos foi o homem que modificou o ensino de Zoologia no Brasil. Quer dizer, ele deixou de ter aquela coisa figurativa que a gente via nos livros [...], a grande escola nossa foi essa. A semi-desmistificação e a escola antiga, com o professor [...] a gente sentava aqui [...], o assistente [...] o assistente também tinha medo do professor e tal. E o Travassos acabou com isso. Era como nós, [...] eu fiquei até garoto, estudante [...], então, o primeiro dia que eu fui lá, eu tive um impacto porque o Travassos estava contando anedotas de sacanagem. (Risos). A ideia que ele passava era essa. Era um cara que só pensava naquele troço...e, é claro que havia [...] talvez até inconscientemente o pessoal tivesse fazendo uma política contrária a nós, ideologicamente, [...], isso era o que o general apurou bem...É que havia um grupo....Vocês sabem que, vocês que são cineastas, todos vocês, só tem um nome, à medida em que vocês fazem um filme, o filme é bom ou mau, mas aparece o filme, vão prá Cannes, vão prá Gramado. Para nós, cientistas, o que aparece é a nossa produção, a nossa produção. Então, à medida que você vai publicando esse trabalho, você [...] o cartaz do deputado em cima da mesa [...] - TRECHO ININTELIGÍVEL- Então eram pessoas que usavam o nome do instituto para fazer suas críticas[...] era um deles. Mas não trabalhava, não pesquisava, por exemplo, na época da minha cassação eu tinha 50 trabalhos publicados - científicos, é muita coisa! [...] E o Lagoa tinha dois trabalhos só publicados, inclusive em colaboração. Os dois em colaboração. Então isso é que despertava a raiva do pessoal; por exemplo, nessa época, um pouco antes, foi no governo Dutra, foi criado inclusive o Conselho Nacional de Pesquisas. Então, o Conselho Nacional de Pesquisas ajudava os pesquisadores que trabalhavam, que podiam apresentar, não só trabalho já publicado, mas também prêmios e trabalhos futuros. Então, o pessoal [...] [...] “Ah, ele é pesquisador do Conselho de Pesquisas, por isso tentavam conseguir...Quando chegavam lá o Conselho pedia [...]” Daí o ódio da coisa... Entende? É possível que houvesse uma causa política, mas mais inconsciente, na realidade mesmo, na minha opinião, [...] foi mais esse tipo de coisa.

É claro que, depois de 64, aí “mitologicamente”, passou a ser um grupo, um grupo de esquerda e de oposição, um grupo de direita.

P- Uma outra pergunta que eu queria fazer [...], o senhor tentar lembrar neste dia primeiro de abril de 1970, qual foi... quando o senhor descobriu que não era primeiro de abril, qual foi o sentimento, qual foi a reação que provocou?

R - É, hoje assim, tanto tempo depois, eu não lembro muito bem, mas foi um choque, né? Foi um choque inclusive porque a gente não sabia o que ia acontecer conosco. Podiam ser várias coisas: uma, era a gente ser demitido do emprego, dois dias depois ou três dias depois estávamos nos aposentando com os vencimentos proporcionais do tempo de serviço; e outra, a gente podia ser até preso, não é? Porque teve, quer dizer, era repórter extraordinário, era um negócio que, mas o que que a gente fez? Depois em alguns momentos de insegurança e de incerteza [...] Dois dias depois, a gente vendo a reação das pessoas, dos amigos, [...], mas quando veio a aposentadoria, por exemplo, no meu caso, eu fui tremendamente prejudicado na minha vida particular; veja você: eu tinha comprado um apartamento na Atlântica, e que pagava 750 cruzeiros de prestação - BNH, [...]. Eu estava morando, pagando um aluguel, eu não me lembro no momento quanto era, mas era mais de 500 cruzeiros na época, e eu fui aposentado e passei a ganhar 600 cruzados, 640 cruzados, eu ganhava 20.000 [...]. Então de 20.000 eu passei para 640, que não dava para pagar o apartamento que eu morava. [...] foi um negócio terrível. Então, você não sabe o quê que vai acontecer, sabia que você não podia arranjar emprego mais, [...]. Instituição física, os atos institucionais públicos que eram atos complementares [...]. Então houve aquele momento de incerteza e insegurança, [...]

P - Quais teriam sido as consequências da cassação para a pesquisa científica, no Instituto e no Brasil de uma maneira geral?

R - Bom, as consequências foram as piores possíveis, foram funestas porque ... o meu exemplo, né? Eu sou entomologista e no momento, eu estou como curador da coleção entomológica. Então, essa coleção entomológica nossa, ficou, nesses 16 anos, praticamente parada, porque, além de mim, o Souza Lopes, que também é entomologista, foi cassado. E então nós demos o prosseguimento a coleta de material para estudo, fazer excursões de colecionar insetos etc. e também, nesses 16 anos, as pessoas que dirigiam o Instituto não tinham nenhuma noção do que representava a coleção entomológica, não só para o Instituto, mas para a ciência brasileira e até a ciência universal. A prova disso é que eles tiraram a coleção daqui e levaram para... (eu esqueço o nome daquilo) o Hospital Evandro Chagas e com isso desmantelaram tudo, não só perdemos material na mudança- quebra etc.e tal, e como o material foi jogado em condições precárias até que o grande esforço do professor José Jurberg, que sempre batalhou, José Jurberg era um estagiário do Herman Lent, depois foi biólogo e foi o único entomologista que foi mantido no Instituto. Então, ele lutou muito contra todos, ele e o zoólogo Orlando Ferreira, que conseguiram não deixar, não só que a coleção não se estragasse mais, mas ainda, não deixar que a coleção fosse doada para outros lugares. Porque quiseram dar essa coleção, [...] começou com Oswaldo Cruz, [...] e Costa Lima, [...] os grandes pesquisadores daqui, todos eles contribuíram um pouco, com essa nossa coleção; então eles queriam dar, doar e o professor José Jurberg,

como ele sabia [...] que eles queriam doar isso para a Universidade, ele ia lá e [...]” “Por favor, não aceita”. E contava a história. [...] Coisas desse tipo. [...]

Agora, vejam vocês. Isso é uma coisa, agora vejam vocês: vocês vieram aqui hoje, tinham dois rapazes aqui estudando, começando a estudar. São alunos da Santa Úrsula e tem mais dois estagiários; então nesse ano aqui, estou formando quatro pesquisadores. Nesses 16 anos que eu fiquei afastado, se eu formasse um por ano, já seriam 16, se bem que eu posso formar 4 ou 5, talvez mais por ano... E os entomólogos do Brasil é uma espécie em extinção, a Entomologia é uma espécie em extinção, a Entomologia está em extinção, por causa disso, daquilo. Você não tem as pessoas para ensinar, as pessoas mais velhas - e eu tenho a sabedoria que tem que ser velha, como aquele ditado em espanhol: “Ele sabe por ser velho, e não por ser pesquisador.” Então, isso foi funesto para nós. O Haity Moussatché, por exemplo, na época da cassação, ele estava com 26 pesquisadores no laboratório, 26, inclusive estrangeiros. Então isso foi terrível para nós.

P - A pergunta que eu ia fazer... era sobre, primeiro, nesse processo anterior à cassação, como era a convivência dos cientistas, quer dizer, desse grupo em especial, né? Se se encontravam, se tinham reuniões, se discutiam problemas da ciência, se tinham uma perspectiva da ciência para o Brasil, enfim, o que seria isso?

Bom, nós tínhamos uma convivência muito boa porque como eu disse, no nosso grupo, eram 20 pessoas (?). Então, nós tínhamos o professor Travassos, no laboratório dele, que era muito frequentado, e nós, ... não havia entre nós departamentos estranhos, cada um de nós trocava os clientes, cada um de nós contava a pesquisa que estava fazendo. Então, eu por exemplo, que trabalhava com mosquito, mas eu aprendia muita coisa de Helminologia., [...], porque eu, via, discutia, conversava com o Travassos sobre isso que era Helminologia. Aí eu tinha uma convivência também com os colegas do Museu Nacional, do departamento de Zoologia de São Paulo. Mas aqui entre nós havia essa convivência, e também situava no mesmo prédio a Fisiologia do Haity Moussatché, do Tito Cavalcanti, funcionava embaixo do nosso andar; então [...], a gente ia trocar ideias e ver experiências. Eu que sou veterinário tenho formação em Medicina Veterinária, mas que sou entomologista, eu gostava de assistir às experiências que o Haity fazia, com cães, com cobaias, aquela coisa toda. E depois dessa nossa cassação, nós, o grupo cassado, nós mantivemos encontros sempre periódicos. Nós promovíamos almoços, jantares, às vezes jantares de serviço [...] só os homens. E depois, [...] um almoço com as senhoras, então um almoço mais festivo, né? E até aconteceu uma coisa muito engraçada, nós estávamos ...já tinha havido acho que a anistia, ou nós estávamos naquela fase de anistia, não me recordo bem, e o Haity Moussatché veio ao Brasil (de férias...) depois de muito tempo, então nós promovemos um almoço, um jantar, inclusive foi no “Le Coin”, ali no Leblon-restaurant. E estávamos lá, [...] aí comecei, [...], o jornal, ele tinha uma página no jornal, fazia as pessoas importantes, elas jantando, [...] mais ou menos assim, era uma página social; [...] (Risos) [TRECHO ININTELIGÍVEL]

Nesses encontros, também se colocava o problema da ciência no Brasil, de uma política; qual seria a ideia (?) de uma política científica no Brasil, tal e qual vocês pensaram? A ideia básica, eu acho que era, você tá dizendo se eu pudesse retomar, né?

Fita 3 - Lado B

[...] Fomos punidos pela Revolução, em todo Brasil houve punições, do Rio Grande do Sul ao Amazonas e pesquisadores do mais alto gabarito foram aposentados e afastados do serviço. Alguns até...era tal o afã de punir o pesquisador ..[pequena interrupção na fita], [...] às mulheres diziam em casa: se eu não voltar, procure um advogado; aliás, aliás, eu nem falei muito bem aqui em casa não, mas eu avisei alguns amigos: “Olha, tá acontecendo isso” e eu fui convocado para o dia 07 de Agosto de 64 (que era um domingo, um domingo de manhã, às 8:00 horas da manhã e eu tinha... E no sábado, na véspera, tinha um baile no Hotel Glória, eu era Presidente do Clube chamado Renascença Clube e a Vera Lúcia Porto dos Santos foi a primeira miss negra a ser eleita miss Guanabara, depois ela foi segunda miss Brasil, foi para Miami, então ela tinha voltado como miss, [...]Internacional, [...] [...] e tinha [...] o baile e eu tinha que comparecer ao Baile, [...] e tinha que ficar até o fim porque eu tinha que estar lá. [...] Então, saí diretamente do baile lá na Glória para vir depor aqui. [...]umas 6:00 horas, vim direto para aqui, sem saber o que ia acontecer comigo. Então, acho que era isso, que eu queria contar, foi um fato...

Tinha algum problema, alguma discriminação, pelo fato de ser negro, de ser [...]
(Sem resposta)

- Quais as razões que o senhor considera que levaram à cassação?

Outra voz: Das minhas respostas, [...] [...] Eu imaginei que fosse ser cassado, mas o General absolutamente não permitiu, concluiu que nós éramos patriotas, [...] [Trecho com muito barulho externo]. Então, foi uma atitude [...], o nosso colega, o Rocha Lagoa, foi levado a Ministro, na minha opinião porque ele era, foi encontrado pela Revolução [...] um diretor [...] o Instituto Oswaldo Cruz, que era tido pelas Forças Armadas, pelo povo em geral, como uma coisa do mais alto nível de produção científica.

Queria que o senhor nos explicasse como que o senhor encarava o seu papel como cientista diante dos problemas da realidade brasileira?

No meu caso, eu fiz meu doutoramento na Universidade de São Paulo, ganhei uma bolsa do governo alemão para fazer [...]; de modo que, eu acho que minha ida para Alemanha foi importante, não só para mim, naturalmente, como também para todos. [...] [...] Eu vim de lá trazendo um outro “background”, uma outra... podendo fazer alunos, coisa que não era tradição no Instituto Oswaldo Cruz. [...] Relativamente o Brasil era, continua infelizmente a ser um país subdesenvolvido, de modo que eu acho que a formação ... [Peq. interrupção na fita] dos pesquisadores era de uma importância capital para a vida nacional.

Muitos barulhos, ruídos externos à gravação.

Isto porque só com os padrões [...] a gente consegue saber o que nós somos [barulho de carros], de atividade, de atividade [...] [...] saber realmente quais são as nossas possibilidades e poder também e criar novas coisas para o Brasil. [...]

Eu não tinha muita noção do que seria uma revolução, então foi alguma coisa de constrangedora, mas não tinha muita noção, não posso dizer, mas depois [...]

P - Depois, como foi então?

[Os ruídos se sobrepõem à voz do entrevistado]

Depois? Depois, nós [...] eu não, por exemplo, porque eu estava em Paris [...]

Outra voz: (a anterior)

Eu vou fazer um resumo das coisas que aconteceram desde o começo da minha vida. Eu era aluno da Escola de Veterinária e fui convidado pelo professor Travassos para frequentar o laboratório de Parasitologia daqui do Instituto e em agosto de [19]31 eu vim prá cá e bem neste tempo o trabalho nosso era bastante intenso; o professor Travassos era basicamente o campeão de produção de trabalho do Instituto e nesta época nós tínhamos como atividades, a Parasitologia, a Microbiologia e a Fisiologia com o professor Miguel Osório, e a Microbiologia com o professor.... Bom, então essas atividades eram muito intensas, até que o professor Travassos se dava muito bem com o professor Aragão.

P - É, que uma eventual divergência entre uma finalidade mais voltada para a ciência aplicada e uma finalidade mais voltada para a pesquisa científica, pesquisa básica, pudesse ter influenciado...

R - Não, absolutamente. Absolutamente porque a tradição, que havia no instituto, desde o tempo do Oswaldo Cruz era até um enorme respeito ao trabalho, qualquer trabalho que se fizesse era respeitado, desde que fosse honestamente feito. Apenas eu acredito que essa [...] [...] Parasitologia evidentemente era importante em qualquer país, em qualquer setor, era o que nós fazíamos, [...] o professor Travassos dava helmintos, o professor Herman Lent que teve uma importância médica enorme; o professor Sebastião se dava mosquitos a importância do trabalho não teve a menor razão, a única razão que eu acho importante, foi com a entrada de pessoas [...] [...] e a prova disso é que quando veio a Revolução, houve uma mudança completa, aquelas pessoas que estavam dirigindo o instituto e o tinham praticamente conquistado essa direção porque [...] seu trabalho, a importância de sua atuação; [...] uma maneira muito fácil de imaginar: as pessoas que estavam à margem do instituto, é que tomaram conta porque tinham pessoas à margem do instituto e tinham pessoas que entraram para aqui sem ter nenhuma possibilidade de fazer trabalho científico. Eu sei que foi...

P - Quer dizer, com os problemas de saúde e outros que existem no Brasil...

R - Não, eu acho que há uma série tão grande de fatores que permitem o desenvolvimento científico que não pode imaginar uma coisa [...] O resultante de outras atividades. Acho que não há nada de tão especial que tenha [...]

P - Influenciado a visão, quer dizer, o senhor, no seu tempo de estudante... No seu tempo...

R - Aí foi a experiência da escola do professor Travassos, que já...

P - Em termos assim, com a ideia de que o senhor estivesse dando um testemunho para gerações futuras, o que que o senhor diria, que missão digamos.

R - Eu acho, de experiência que ficou, é evidente que no Instituto Científico só pode ter cientistas, se tiver um peso morto, não só fica muito caro, para a ciência é caro, você já imaginou a ciência com 2/3 de pessoas que não sabem fazer nada, que não são capazes...

Como fica caro, né? Quer dizer, é um crime, num país pobre como o Brasil, tirar o dinheiro do povo e entregar a pessoas que se dizem cientistas, mas que nunca fizeram nada. Isso é muito fácil de ver, só ver a memória do Instituto, e a revista científica, se tem trabalhos deles, [...], eu acho que 1/3... alguns, apesar de não terem uma produção grande têm consciência grande, não é evidentemente, só aquele trabalho que... pessoas que produziram muito trabalhos com 300 e tantas páginas, como César Pinto, como muitos falaram, como Costa Lima, os campeões, não é questão do número de trabalhos, algumas pessoas produzem pouco, mas tem uma tal influência, um tal conhecimento das coisas, uma tal vivência que influenciam bem o Instituto. Não estou dizendo que só as pessoas que produzem muito que tem valor, não, absolutamente. Professor [...] Felipe é uma pessoa...era uma reivindicação muito antiga. Agora, isso não é necessariamente a resolução do problema. O problema do apoio à ciência no Brasil não está no papel, está na criação de uma mentalidade do governo, capaz de entender o que é produção científica, capaz de compreender que o indivíduo pode passar meses e anos seguidos fazendo coisas que aparentemente não têm uma importância prática imediata e que tem uma importância enorme. Da mesma forma que é preciso o governo compreenda que o professor de uma determinada matéria precisa ser uma pessoa que trabalha com aquele assunto porque é uma pessoa que trabalha naquele assunto é capaz de transmitir bem, é capaz de dar ao aluno a certeza de que ele não sabe aquelas coisas. Porque o jovem que vai assistir uma aula, uma demonstração de um professor, ele sabe perfeitamente se o professor leu aquele... De um modo geral, o governo não tem tempo, não perde tempo com essas coisas, essa que é a grande verdade. Agora, é claro que a euforia do tempo de Juscelino foi muito benéfica, sem dúvida alguma, não só para a ciência como para todo o país. Aquela euforia, aquela possibilidade que todos estavam vendo o país crescer; crescer [...] aquela liberdade toda, isso é uma beleza! Eu acho que o período de Juscelino foi um período muito importante para qualquer atividade no país.

P - O senhor considera que o conjunto de cientistas que foi cassado em 1970, eles tinham antes, uma identidade como grupo?

R - Até um certo ponto, sim. Mas tinham pessoas que trabalharam em áreas bem diferentes, não era necessariamente...., foram excluídos porque eram pessoas de hábitos liberais, porque havia certos pesquisadores aqui poucos pesquisadores que não podiam ser acusados de comunistas porque eram pessoas contrárias ao perfil de uma pessoa liberal. Apesar de alguns de grande valor, porque eu acho que o aspecto político de uma pessoa não tem nada a ver... Todo mundo sabe que Balzac foi um grande reacionário, no entanto, quem achar que não teve uma importância muito grande é um idiota, né? [...] Isso eu acho muito importante, não é necessariamente isso. Mas o grupo foi mais ou menos formado, [...] formado, o diretor que estava no momento catou a dedo - vou pegar esse que já me disseram que era comunista [...] liberal [...] que reuniram aqueles, acreditou para poder conseguir o prestígio para ser nomeado ministro. A finalidade é muito clara, ele tá fazendo média, da mesma forma que o detetive de polícia declara que o sujeito é comunista para fazer média, né? [...] Não tinha nada a ver uma coisa com a outra, aliás, pelo contrário...

P - Isso foi uma surpresa?

R - Não, nós já tínhamos ideia que provavelmente é que o processo, todos aqueles processos que [...] a informação era exata, mas nunca podíamos imaginar porque as informações que nós tínhamos imaginado que o Rocha Lagoa fosse capaz de, por portas transversas, [...] do Presidente que provavelmente nem sabia que tinha assinado, a prova que ele nem sabia que tinha assinado que ele declarou que nunca cassou ninguém, né? [...] na televisão, “Não, eu nunca cassei ninguém”. Ele não sabia que tinha cassado... É como diz o ex-ministro Simonsen a propósito do congelamento, é hilariante, a gente acha graça com isso! Mas não é, não teve graça nenhuma porque perturbou a vida de uma porção de pessoas.

P - Que consequências, em termos pessoais, essa cassação teve para o senhor?

R - Para mim não teve uma consequência maior, por uma razão muito simples, porque eu tinha muitos amigos no Museu Nacional... e essas são as ideias que eu acho mais importante, agora o que eu acho que a gente deve não era muito fácil a gente... é muito fácil de dizer, mas é muito difícil de fazer, aproveitar [...] Que a gente vê aquela coisa toda, [...]aquelas coisas todas, mas chega na hora não faz, é muito comum. Mas se alguém puder evitar que esses malandros penetrem nas instituições científicas, [...] atrapalhar essa porcaria aqui. Mas, [...]vingança, para se aproveitar de uma determinada posição, para levar vantagem pessoal, esse foi exclusivo para isso. Nós fomos vítimas de uma pessoa, de uma pessoa não, de um grupo de pessoas, mas é verdade que [...]só o Rocha Lagoa (sozinho) não faria, mesmo porque a mediocridade enorme [...] [...] Se alguém puder evitar isso, cortar malandros incapazes das instituições. Pode botar pessoas que não tenham muita capacidade, pessoas sérias, honestas, isso não faz mal.

Pequena interrupção na fita.

(outra voz)

[...] eu admitia, eu fazia [...], que esse episódio da nossa cassação se publicou essencial por motivos pessoais, os motivos políticos foram apenas elementos de perseguição que foram aventados. A prova disso é que nós respondemos a vários processos e ninguém foi indiciado, nem mesmo num processo que foi presidido pelo Olympio da Fonseca, e que ele recebeu acusações de toda ordem, e acusações anônimas [...], só que ele teve o cuidado de dizer de onde vinham essas acusações, teve muita gente que foi colocado em sensação desagradável porque esperavam fazer acusações anônimas. Mas, ninguém, apesar disso foi anistiado, de forma que isto mostra que naquela época em que, quem podia mostrava zelo em relação à revolução, naquela época, [...] respondemos (um quesito...) pelo Olympio, que tinha motivos pessoais de inimizades, outro quesito pelo general, general Falcão, que disse a um conhecido nosso posteriormente, que a gente de melhor qualidade que ele viu, os erguidos aqui no Instituto, eram exatamente os acusados e não os acusadores... Porque ninguém fugiu à responsabilidade nenhuma, fez as suas afirmações com clareza, inclusive aqueles que tinham passado de esquerda, declararam que tinha. De modo que não podiam representar perigo para ninguém...

Bom, eu tenho a impressão de que o desenvolvimento da história dos episódios iniciais da inimizade pessoal, que era como eu disse, o relacionado com aquele episódio do... Bom, ele [...] o governador de Minas, de forma que o que eu sei dele, apenas são impressões que

vieram de jornal e de notícias de jornal. O fato é que ele fez mesmo, fez essa demissão, agora o motivo porque fez também eu desconheço e ali havia uma porção de gente de muito boa qualidade, entre as quais um certo diretor do Instituto, que era o Amílcar Vianna Martins. E foi que aí ele passou a direção do Instituto, depois de Juscelino Kubitschek, ele era compadre do JK, foi diretor aqui do Instituto, depois ele deixou a direção do instituto e me indicou para eu ficar no lugar dele. Bom ...esses todos e outros lá de Minas, de muito boa qualidade, foram demitidos. Agora, esse episódio só me permite fazer mal juízo do governador e de quem muita gente...[...]

P - Qual seria a condição, na sua opinião, para que esse gênero de episódio não pudesse voltar a se repetir?

R - Eu não sei dizer exatamente, mas eu, há muitos anos, muitos anos que eu sou parlamentarista; [...]do regime parlamentar. Eu acho que é o único regime que permite um desenvolvimento político e a expressão das várias correntes de pensamento existentes no País. E a formação de estadistas, o Brasil teve um Império e teve um regime parlamentar que funcionou muito bem. D. Pedro II acabou sendo derrubado pelos ... Como eu mesmo lhe disse, eu nunca participei de problemas maiores, nem de campanha, nem de caráter político nem de outros caracteres, de forma que eu mesmo pessoalmente não vejo, na minha pessoa papel importante nenhum, fundamental nenhum. Fui chamado para vários tipos de atividades e aceitei, mas sem que representasse uma coisa de maior importância; por exemplo, eu me formei em Medicina embora não tivesse maior interesse por Medicina... um episódio muito [...]

Obs.: O lado B não foi integralmente gravado.

Fita 4 - Lado A: (outra voz)

[...] e o grupo cassado era um grupo considerado no Instituto Oswaldo Cruz, um grupo de esquerda, com os diferentes matizes. Nós já havíamos sido submetidos a três IPMs, em 1964, 1965. Era um problema só de ordem biológica, é lógico; não havia subversão como queriam fazer crer, mas de qualquer maneira, quando chegou em 70, houve a oportunidade, pela conjuntura da época e então, surpreendentemente, nós fomos cassados.

P - Quando o senhor diz, considerado de esquerda, qual é a sua visão a respeito a identidade do grupo?

R - Bom, quando eu falo que éramos de esquerda, dos diferentes matizes, nós tínhamos desde machistas e feministas, que se diziam assim, até socialistas moderados, digamos. Por isso é que falei dos diferentes matizes.

P - Qual seria a sua visão, a respeito, digamos, do ponto de vista desse grupo, se é que havia uma unidade de ponto de vista, em relação ao papel da pesquisa científica, num país subdesenvolvido como o Brasil?

R - Bom, no instituto nós sempre tivemos, digamos, uma dicotomia entre aqueles que desejavam trabalhar em pesquisa de fato, e aqueles que simplesmente gostavam de ter as

suas mordomias. Então, isso gerava sempre problemas. As verbas, como sempre, ainda hoje, são curtas e ficam sempre à disposição daqueles grupos que tem ligação mais de perto com a direção. Isso gera sempre problemas. Houve então uma chance de se afastar esse grupo que era o grupo que modestamente procurava trabalhar com disposição e criou raízes fortes no IOC, e que sentiu muito ser assim arrancada, serem arrancados violentamente do [...].

P - E em termos de uma possível divergência entre uma especialização voltada para a pesquisa básica ou uma especialização voltada para a pesquisa de campo?

R - Eu acho que esse grupo se afinava mais com a ideia de que deveríamos ter um instituto de ciência e tecnologia, quer dizer, [...] um Ministério da Ciência e Tecnologia, lutamos por isso, e não continuando Manguinhos ser uma casa exclusivamente como vinha sendo, de fabricação de vacinas. Achávamos, achamos que era muito importante isso, a fabricação, mas achamos que há necessidade de que verbas sejam dadas exclusivamente para a pesquisa; e não fiquem ao sabor dos interesses políticos dos Ministérios, principalmente dos ministros, que por condições de campanha em política fazem muita questão [...] E pesquisa científica é desenvolvimento.

P - Dr. Moacyr, no dia primeiro de abril de 1970, quando o senhor soube, o senhor consegue, digamos, recriar qual foi a sua sensação no momento que recebeu essa notícia, da cassação?

R - Olha, por acaso eu posso sim porque neste dia eu havia ido visitar um ex-laboratorista que havia sido meu afilhado de casamento, tinha estado doente; ele já não trabalhava comigo no edifício, e fui até lá. E justamente na hora em que ele ia ver um cafezinho para me servir, a mim e ao colega, veio a notícia pelo rádio, que nós havíamos sido cassados. Ele também ficou emocionadíssimo, ficou cianótico, passou mal, foi preciso dar água a ele e a surpresa foi tão grande que resolvemos ouvir o repórter seguinte, que seria o famoso “Repórter Esso”. Ficamos aguardando, que ouvimos a notícia, se não me falha a memória na Rádio Globo; posteriormente tinha o repórter “Esso”, coisa de uns dez minutos após. E 10 minutos após, então veio a notícia clássica, e eu era o primeiro da lista, porque, quando feito pelo sobrenome, eu sou Andrade.

P - Em termos de consequência, tanto pessoais, como para o desenvolvimento da pesquisa científica no Brasil?

R - Bom, eu acho que prejudicou, isso já se fez até o cálculo e tudo, que a formação de cientistas, pelo menos no nosso modo de ver, depende de um contato íntimo, com alguém que tem mais experiência e alguém que tenha aprendido. Isso foi interrompido. Então, esse cálculo há: se foram 10, que foram colocados para fora, durante 16 anos, e cada um poderia pelo menos, ter formado 2 elementos dentro de suas especialidades. Então, teríamos 10, multiplicados por 16, 160, por 2 seriam 320, indivíduos especialistas que poderiam ter formado durante esse período. Isso modestamente falando.

P - [...] no que se fala no Brasil, em reabertura, em redemocratização, em Constituintes, e, ao mesmo tempo, há poucos dias, nós vimos nos jornais, tanto em Belo Horizonte, como em São Paulo, casos se não iguais, pelo menos semelhantes, de grandes conflitos entre o Estado e cientistas...

E lamentavelmente, enquanto nós não tivermos o direito de escolha dos dirigentes, nós [...] conflito, porque não cai se querer que um governador de Estado, um homem eminente político, possa se interessar por problemas de ordem científica. Então, ele vem através, sempre, do dogma (?) da política, eu acho que isso é um mal que precisa ser impregnado, totalmente.

P - Quer dizer que o senhor consideraria que esse conflito entre o Estado e a liberdade de pesquisa, de certa forma, perdeu?

R - Ah, sim, de uma maneira bem moderada, não podemos comparar hoje o que estamos vivendo, haja visto o nosso caso, de integração e tudo mais ao que foi vivido em 70, mas eu acho que ainda havia vários passos a serem dados.

[outra voz]:

[...] pouco antes do Moacyr, [...] eu entrei como estudante e em 1965, como estagiário, sem remuneração e frequentava a biblioteca e tinha direito ao almoço. E inicialmente eu tinha um canto de mesa no laboratório do nosso chefe orientador, Lauro Travassos e depois, as coisas melhoraram, nós recebemos um andar inteiro e eu tinha uma sala com (o professor)? e seus alunos. E durante 50 anos, nós sempre trabalhamos juntos: ele fazendo a especialidade dele e eu a minha. E assim os anos foram passando. E acompanhamos a entrada do IOC de uma maneira meio misteriosa, e o homem foi responsável pela indicação dos nossos nomes para a cassação. Ele na época foi nomeado diretor do IOC, com a Revolução em 1964, e depois, quando veio o governo Médici, ele conseguiu ser ministro da Saúde. E aí, como nós já tínhamos denunciado muitas coisas como desvios de verbas, da malária, da peste bubônica, da meningite, [...] - [ruídos de carros interferindo na gravação] e assim, foi uma surpresa, como costuma-se dizer, céu de brigadeiro, mar de almirante, era o que ia ser. [...] aquele raio em cima da gente. O Moacyr, a notícia do Moacyr [...], nós não sabemos direito porque que eu e o Masao Goto, que foi, que tivesse fôlego, não fomos cassados naquele dia. E a notícia da nossa cassação saiu no dia 6 de abril; e então, o primeiro grupo de 8 eles foram cassados [...] [ruídos de carros] Conselho, seguranças; e nós não, eu e o Goto, o [...] foi por um ato do Presidente da República e do ministro da Saúde. Então aconteceu uma coisa curiosa, aquilo me deixou frustrado, é que eles tiveram direitos de cassados, nós não, então, nós éramos obrigados a votar. E assim como aconteceu a coisa...

P - Seu trabalho ligado, digamos, às populações carentes, ao fato do senhor, na Fundação, durante o período, ter...

R - Isso é uma história curiosa. Evidente que o nosso chefe, ele sempre fazia referência à coisa [...] de que não se podia separar o ensino da pesquisa. Então, havia já colegas que tinham tempo integral [...], mas eu nunca tive, nem lutei, pelo contrário, até requeri que não

me dessem tempo integral. Estive lecionando na Escola Nacional de Veterinária muito tempo, fui pioneiro na Universidade Rural lá do [...], em, 47, eu e o Souza Lopes; e depois fiz concurso para a atual Unirio, prá escola de Medicina da atual e continuei sempre com o mesmo tipo de atividade. Diariamente eu chegava em Manguinhos às 7h da manhã; e aí é que vem a coisa curiosa com relação às populações carentes, há tempos atrás, pela TVE e então lá, a pessoa que estava [...] não me lembro o nome dele; disse: “O senhor é considerado, eu era considerado, um especialista em favelados, doenças de favelados”. Não é que na favela de Manguinhos, eu atendi uma vez um, esse falou com os vizinhos e aí, 7:00 horas da manhã, quando eu chegava, já tinha uma fila... Então, isso me dava satisfação, porque eu podia aplicar aquela situação, aquela gente...

P - A situação de saúde pública, hoje?

R - Eu acho que nós estamos muito [...] Nós não tínhamos problemas com o dengue, isso não se conhecia no Brasil. Muitas outras coisas que ainda não tinham. Tudo era controlado pela Saúde Pública, eles tinham gente que aprende com Oswaldo Cruz e seguia a mesma linha de trabalho com Clementino Fraga, Barros Barreto, na Saúde Pública, exclusivamente. Hoje o homem que legou a lista para nossa cassação é inexplicavelmente, professor de Saúde Pública na Faculdade de Medicina de Nova Iguaçu, ele nunca foi professor de faculdade nenhuma, eu examinei o currículo dele, que eu faço parte do Conselho de Nova Iguaçu, mostra para a Congregação que não havia um título que explicasse a contratação dele. Já estava tudo preparado e era o titular de Saúde Pública, de Higiene e Saúde Pública. No tempo de Clementino Fraga e outros, isso não aconteceria porque a Sociedade Brasileira de Saúde Pública era muito atuante e não permitia essa abnegação. Fiscalizava.

P - Quer dizer que esse paralelo entre o início do século e hoje é...

R - Nós herdamos um trabalho de Oswaldo Cruz, que se prolongou e depois foi cedendo [...], da incompetência, dos que vieram dirigir o IOC. [...] [Ruídos de carros se sobrepõe a gravação] [...] foi sendo preparado para este massacre como bem usou Herman Lent. Nós tivemos situações muito curiosas e até ...(Risos)
[Peq, interrupção na fita]

(Outra voz):

[...] relativa a este Instituto e a minha atividade foi formar em Medicina, mas sempre trabalhei em Fisiologia, nunca fiz, exerci Medicina. Quando o IOC começou aqui no Brasil praticamente não havia a ciência desenvolvida, de forma que o IOC foi em grande parte responsável por esse desenvolvimento, em grandes áreas do conhecimento. Havia evidentemente umas pesquisas no campo de botânica, havia em Geologia, havia uma porção de campos destes que estavam com um desenvolvimento pode-se dizer, bastante bom, mas, muito distante do que hoje se encontra. Quando o Oswaldo Cruz começou, havia uma série de preconceitos, havia uma série de ideias em relação à Saúde Pública que foram mesmo criar dificuldades especiais para Oswaldo Cruz. Por exemplo, as ideias em vigência na época, a respeito da vacina, de valor de vacina; os positivistas, por exemplo, não

aceitavam. Houve até lá um dito (?) militar de positivistas contra Oswaldo Cruz, que ameaçou o governo de dividir. Não que essa parte toda representa dificuldades que ele teve que vencer, que depois se desenrolou na ciência feita direta ou indireta...

P - Na sua opinião, o papel ou a função do Estado, para tornar possível, o desenvolvimento, tanto da ciência pura como da ciência aplicada?

R - Eu acho que é fundamental, porque nós não temos recursos de outra origem, que não do Estado mesmo para o desenvolvimento das pesquisas. Ainda na Europa, na Alemanha, por exemplo, nos EUA, havia muita pesquisa financiada pela indústria. Por exemplo, a pesquisa química, na Alemanha, financiada pela indústria, na física também, o [...] foi o primeiro físico alemão do século passado, foi sustentado pela [...] que era a Companhia de Eletricidade, que começa a saber porque a necessidade de haver um pesquisador de ciência pura para o campo da ciência aplicada, que era [...], lá?

P - E no Brasil?

R - Aqui no Brasil, que eu saiba, não há, ainda até hoje, não conheço apoio desse pessoal da indústria para o campo de pesquisa. A não ser talvez, aquele Nunes Santos que dava um prêmio de tempos em tempos para pesquisas esconjuradas de valor, mas (ao...) pesquisador, mas não auxílio à pesquisa...

P - Então, caberia ao Estado?

R - Caberia ao Estado, a meu ver, cabe tudo ao Estado, toda a ciência. Como também o ensino, hoje está se desenvolvendo já, um ensino, à margem do Estado...

P - A uma questão que o Estado tem na sua opinião, esse papel fundamental, a relação entre o Estado e o poder político, portanto, e a liberdade inerente à pesquisa científica?

R - Bom, eu acho que tem que haver, ser dada a liberdade plena para a pesquisa, de caráter público, evidentemente, a pesquisa aplicada tem que ser orientada de acordo com os objetivos. Mas, tem que haver um grande campo para a ciência pura, sem a qual a ciência aplicada não poderá se desenvolver, senão dentro dos limites muito pequenos. A liberdade, portanto, de trabalho, tem que existir, como existiu também no estrangeiro, por parte da ciência das indústrias, em relação à ciência pura, como o caso do [...] que eu citei agora, tem a Zeiss, Zeiss também o [...] trabalhando com liberdade de pesquisa, tem na França, também houve - aquela fábrica de porcelana de Limoges, tinha um físico-químico de alta categoria fazendo pesquisa pura também. Mas ele estudou todos os problemas que havia de ciência aplicada para a porcelana, mas fez muita pesquisa pura importante nessa base. De sorte que, essa liberdade poderia, porque na hora que tinha as dúvidas e via os problemas a liberdade de resolver para poder prosseguir. Sem o que, eu acho que não é possível uma pesquisa orientada, inteiramente orientada, e acho que não tem desenvolvimento possível; pelo menos na história não indica isso.

P - Na sua opinião, chegando mais próximo então do episódio específico acontecido em 1970 - o grupo de cientistas que foi cassado tinha uma identidade de pontos de vista em relação ao seu trabalho, essa identidade política; como é que o senhor vê essa questão?

R - Bom, o episódio da nossa cassação, não é muito fácil de traçar todo esse caminho mesmo porque eu nunca me preocupei muito com esses aspectos, né? Mas, eu acho que aquilo quase todo o episódio pode se filiar a um problema de inimizade pessoal. A meu ver, a origem de tudo isso, sempre pode haver rivalidades entre pesquisadores, rivalidades entre pessoas, mas para chegar ao grau em que chegou, houve coisa mais profunda. E era especificamente, até o que me parece, em relação ao Herman Lent, inicialmente. E depois, por motivo profundamente pessoal, é que havia uma questão judicial entre um professor do Pedro II e um outro pesquisador que era do Museu Nacional; e não me lembro bem agora o nome das pessoas. E saiu uma questão judicial entre os dois e o propósito de um livro. E então, um juiz, foi nomeado de um lado, como perito, foi o Herman Lent, e do outro, o Olympio da Fonseca. Daí saiu muita discussão, saiu um livro, um verdadeiro livro, um tijolo, como se denominava na época, um livro enorme, e discutir esse problema. Daí forma-se realmente uma inimizade bastante grande entre o Herman e o Olympio. Ora, esse é um foco, principalmente; daí, então, começavam a aparecer acusações, acusações, acusações, que também não tinham fundamento, de que o Herman, o Haity Moussatché, que era muito chegado ao Herman também, e a mim, acusados de elementos de esquerda e subversivos, coisa que evidentemente não tinha fundamento. Em primeiro lugar, porque nunca houve esse movimento subversivo aqui dentro do Instituto. [...] sua ideia em particular, nós não temos nada com isso, o essencial é que não fizesse o desenvolvimento das ideias em serviço. Daí essas acusações que de vez em quando, se repetiam. Eu fui membro do Conselho Nacional de Pesquisas. Era conselheiro do Conselho Nacional de Pesquisas.

P - Em 1970, quando foi que o senhor soube da notícia e qual foi a sua reação?

R - Bom, aqui, eu já esperava que podia acontecer qualquer coisa a qualquer momento; esperava em virtude de minha atuação no Conselho. E...que daqui a pouco eu falo nele. De forma...mas, assim, mesmo, não esperava naquele momento [...] eu tive a notícia, eu estava lá na Fisiologia e foi o Herman Lent quem me telefonou, dando notícia do sucedido, que tinha tido ... chegou ao conhecimento dele pelo Sebastião de Oliveira, que ouviu pelo rádio a notícia [...] Bom, como notícia de primeiro de abril eu achei evidentemente de pouco espírito, mas infelizmente foi realidade mesmo. Então, tivemos uma surpresa com isso evidentemente desagradável porque sabia das consequências que aquilo poderia ter e seria, pelo menos, o nosso afastamento do Instituto. E, aí, em todo caso, como lhe disse, eu já esperava qualquer coisa nesse sentido...

P - Porque que a sua atuação no CNPq, o senhor considera que...

R - No Conselho?

P - No conselho.

R - No conselho porque eu era conselheiro da... E nós tínhamos uma reunião todo mês no CNPq para decidir a respeito dos pedidos de auxílio ou pedido de bolsas ou mais, do Conselho... Que eram dirigidas ao Conselho de Pesquisas [...] para diversos pesquisadores e também para a Política científica que o conselho dirigia. Bom, então a gente tinha essas reuniões, aquilo era dividido em Comissões e cada comissão tomava parte, conta de determinado problema. A função que eu pertencia era dirigida pelo Artur Moses, que era o Presidente da Academia de Ciências; de forma que eu dava o parecer sobre aqueles processos todos de Ciências Biológicas. E chegaram lá dois pedidos de auxílios, que era a repetição de auxílios, que já vinha há bastante tempo: uma de Herman Lent e outra de Haity Moussatché. E outros tinham sido pedidos, naturalmente. Bem, esse pedido de auxílio, dei o parecer favorável meu, porque já haviam sido executados há um bom número de anos, e dentro de programas que eram programas aqui do Instituto. Por exemplo, do Herman Lent, era o respectivo estado do barbeiro, do Instituto, foi seu representante do Ministério, da Saúde, lá no Conselho de Pesquisas. O Rocha Lagoa, o Rocha Lagoa se opôs, não queria. Então, foi pedido o visto do processo e esse processo se passou meses, lá preso, não voltava à atividade. Portanto, eu reclamei que esse processo deveria voltar para se completar o julgamento, porquanto aquelas pesquisas estavam sendo prejudicadas. Mas eu acho que estavam esperando que eu faltasse a alguma sessão para entrar aqui no julgamento; embora eu fosse muito amigo do Presidente do Conselho que era o Fonseca, Antônio Moreira Fonseca, e fosse amigo de praticamente todos os conselheiros lá dentro. Mas o fato é, que o processo não vinha. Até que eu reclamei diversas vezes e o processo veio, [...] uma reunião agitada, em que o Lagoa declarava que não podia ter concedido auxílio porque aquilo [...] auxílios que tinham [...] subversiva, já em plena Revolução.

P - Quais eram as pesquisas?

R - Pesquisas ... Não, ele dar dinheiro para esses pesquisadores era dar dinheiro para a subversão porque eles eram subversivos, né.

P - Mas quais eram as pesquisas que os cientistas estavam desenvolvendo?

R - O Haity Moussatché trabalhou sobre vários ramos de Fisiologia, ciência pura... Agora quer dizer quais ramos nesse momento eu não me recordo, mas não importa. E o Herman Lent era especificamente a respeito do barbeiro, que era o transmissor da doença de Chagas, que o Herman Lent trabalhava há muitos anos. De modo que não poderiam ser contestados esses trabalhos como trabalhos do instituto. Agora eu achava que nunca se poderia o conselho julgar dos auxílios que por motivos outros que não fossem o Programa de Pesquisa e a qualidade do pesquisador. Porque senão seria uma subversão de tudo. Agora, se por acaso, esses pesquisadores representassem problemas para a política no momento, o que eu contestava; mas, se eles representassem, deveria haver os órgãos competentes para cuidar desse problema, mas nunca o Conselho de Pesquisas, não poderia se arraigar nesse tipo de questões, quanto mais quando haviam motivos pessoais, de inimizades pessoais, ali dentro. E assim, saiu essa discussão com [...], não sei de país da Europa hoje que não seja, que não tenha inclinação socialista muito grande, embora haja rei e essas coisas como na Espanha e na Inglaterra. Mas, em todo caso, o regime que impera já é praticamente o regime socialista. Bem, isso eu nunca contestei e acho que é uma evolução

natural que ninguém poderá deter. Tinha [...]também uma história que foi, em grande parte, esperada, de que eu havia, tinha estado na Rússia, tinha estado naqueles países orientais e tinha estado na China...

Fim da Fita 4 - Lado A

Obs.: O lado B não foi gravado.

Fim da Transcrição